

Sementes crioulas na comunidade remanescente de quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, porção média da Bacia Rio Pardo, em Vitória da Conquista, Bahia

Traditional seeds in the quilombo remnant community of Lagoa de Melquíades e Amâncio, middle Rio Pardo river basin, Vitória da Conquista, Bahia, Brazil

Mirian da Silva Santos
Centro de Estudos e Ação Social (CEAS),
Salvador, BA, Brasil.

Anderson Ferreira Pinto Machado
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB),
Vitória da Conquista, BA, Brasil.

André Luiz Borba do Nascimento
Universidade Federal do Maranhão, Campus de Bacabal, MA,
Brasil.

Informações do artigo

Recebido em 04/03/2026

Aceito em 01/04/2026

doi: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2026.n267.p284-306>

Copyright (c) 2025 Mirian da Silva Santos, Anderson Ferreira Pinto Machado, André Luiz Borba do Nascimento.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Apoio

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Como ser citado (modelo ABNT)

SANTOS, Mirian da Silva; MACHADO, Anderson Ferreira Pinto; NASCIMENTO, André Luiz Borba do. Sementes crioulas na comunidade remanescente de quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, porção média da Bacia Rio Pardo, em Vitória da Conquista, Bahia. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 51, n. 267, p. 284-306, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2026.n267.p284-306>

Resumo

O artigo analisa a conservação de sementes crioulas na Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, localizada em Vitória da Conquista, na porção média da bacia do Rio Pardo, em um contexto marcado pela expansão das monoculturas de eucalipto e café e pela intensificação dos conflitos territoriais. A pesquisa, de abordagem quali-quantitativa, baseou-se em entrevistas semiestruturadas, levantamento das variedades conservadas e análise comparativa entre bancos domiciliares e banco comunitário de sementes. Os resultados evidenciam maior diversidade e efetividade de conservação nos bancos familiares, com baixa similaridade em relação ao banco comunitário, indicando que a manutenção da agrobiodiversidade ocorre de forma descentralizada. A fragilidade do banco comunitário relaciona-se à descontinuidade de políticas públicas, ausência de assessoria técnica continuada e implantação sem diagnóstico aprofundado das dinâmicas locais. Conclui-se que as sementes crioulas constituem base material e simbólica da autonomia produtiva, da soberania alimentar e da resistência territorial quilombola frente ao avanço do agronegócio.

Palavras-chave: banco de sementes; médio Rio Pardo; território tradicional.

Abstract

This article analyzes the conservation of native seeds in the Lagoa de Melquíades e Amâncio Quilombo Remnant Community, located in Vitória da Conquista, in the middle portion of the Pardo River basin, within a context marked by the expansion of eucalyptus and coffee monocultures and the intensification of territorial conflicts. The study, which employed a qualitative-quantitative approach, was based on semi-structured interviews, a survey of conserved varieties, and a comparative analysis between household seed banks and the community seed bank. The results show greater diversity and conservation effectiveness in household seed banks, with low similarity to the community seed bank, indicating that the maintenance of agrobiodiversity occurs in a decentralized manner. The vulnerability of the community seed bank is linked to the discontinuity of public policies, the absence of ongoing technical assistance, and its implementation without an in-depth assessment of local dynamics. It is concluded that native seeds constitute the material and symbolic foundation of productive autonomy, food sovereignty, and Quilombola territorial resistance in the face of the advance of agribusiness.

Keywords: seed bank; middle Rio Pardo; traditional territory.

INTRODUÇÃO

A consolidação do modelo agroindustrial ao longo do século XX produziu transformações estruturais profundas nos sistemas agrícolas, promovendo a homogeneização produtiva (Campos e Dal Soglio, 2020), a expansão das monoculturas e a intensificação do uso de insumos externos. Esse processo resultou em uma expressiva queda da diversidade e da variabilidade das plantas cultivadas, culminando na perda estimada de aproximadamente 75% da diversidade alimentar vegetal mundial entre 1900 e 2000 (Zimmerer et al., 2019). Tal dinâmica evidencia não apenas um empobrecimento biológico, mas também a subordinação dos sistemas alimentares à lógica do capital, com impactos diretos sobre a autonomia produtiva, os modos de vida camponeses e os territórios tradicionais.

Na bacia do Rio Pardo, onde se localiza a área remanescente de quilombo Lagoa de Melquiades e Amâncio, esse processo se expressa por meio da consolidação, no período recente, de um modo de produção agroexportador que reorganizou o uso do território e redefiniu as relações socioambientais, incidindo de forma particularmente intensa sobre áreas ocupadas por comunidades camponesas e tradicionais. A expansão de atividades voltadas ao mercado externo e a mercantilização da terra e da natureza aprofundaram a concentração fundiária, a homogeneização produtiva e a subordinação dos ecossistemas locais às demandas do capital agrário, intensificando conflitos territoriais e socioambientais historicamente presentes na região (Cunha, 2024).

Nesse contexto, o modelo socioeconômico atualmente dominante na bacia do Rio Pardo é marcado, sobretudo, pela pecuária extensiva, pelas monoculturas de eucalipto e pelo café irrigado, atividades que exercem forte pressão sobre os bens comuns, especialmente a terra e a água, e reforçam processos de degradação ambiental e exclusão social. Essas dinâmicas evidenciam que a bacia do Rio Pardo não constitui um espaço homogêneo, mas um território em disputa, no qual projetos antagônicos de desenvolvimento coexistem e se confrontam, revelando a centralidade das comunidades tradicionais na defesa e na reprodução social no campo (Cunha, 2024).

Apesar do avanço desse modelo hegemônico, persistem no território um número significativo de agricultores familiares, comunidades remanescentes de quilombos, povos indígenas e assentados da reforma agrária, cujos modos de vida e práticas produtivas se estruturam a partir de realidades distintas da lógica agroindustrial. Essas relações se baseiam na diversidade produtiva, no uso múltiplo dos recursos naturais e na gestão coletiva do território, configurando-se como formas concretas de resistência frente à homogeneização e à expropriação promovidas pelo agronegócio (Cunha, 2024).

É nesse cenário de conflitos e resistências que diversas propriedades rurais seguem cultivando variedades denominadas “tradicionais, antigas, caseiras, *landraces* (raças da terra) ou crioulas”. Essas sementes, adaptadas às condições locais de solo e clima, dispensam o uso de insumos externos, apresentam valor nutritivo igual ou superior ao das sementes geneticamente modificadas e são

produzidas de maneira social e ecologicamente sustentável (Pelwing, 2008; Reuter, 2017). Preservadas principalmente por agricultores familiares, assentados da reforma agrária e comunidades tradicionais, como quilombolas e indígenas (Brasil, 2013), essas variedades mantêm elevada variabilidade genética e são frequentemente conservadas em bancos de sementes locais, configurando-se como patrimônio biocultural estratégico frente à erosão genética promovida pelo modelo agroindustrial (Pelwing, 2008; Reuter, 2017).

Os bancos de sementes, por sua vez, assumem múltiplas funções, que variam conforme os objetivos e as estratégias construídas coletivamente por seus integrantes. Para além de espaços de conservação, constituem instâncias de formação política e fortalecimento da agricultura ecológica, ao mesmo tempo em que atuam na sistematização e preservação dos conhecimentos tradicionais associados às sementes. Ademais, envolvem-se em processos de produção, distribuição e troca de sementes, contribuindo de forma significativa para a geração de renda e para a autonomia produtiva dos grupos envolvidos. Em uma dimensão mais ampla, esses espaços podem ainda desempenhar papel ativo na incidência política, estimulando a formulação de políticas públicas e marcos legais que reconheçam e fortaleçam suas práticas e objetivos (Vernooy et al., 2005).

A compreensão do papel dessas iniciativas exige reconhecer que a agrobiodiversidade não se restringe à diversidade de plantas cultivadas nos agrossistemas, mas engloba também as relações históricas, sociais e culturais estabelecidas pelos povos e comunidades tradicionais com esses sistemas, incluindo os saberes construídos e transmitidos ao longo do tempo (MMA, 2006). Esses elementos constituem dimensões centrais para a garantia da soberania e da segurança alimentar (Pasini, 2014). A gestão comunitária da agrobiodiversidade, especialmente por meio de iniciativas voltadas à preservação de sementes, envolve agricultores detentores de amplo conhecimento ecológico, que frequentemente se organizam em bancos de sementes comunitários, redes de preservação de sementes e associações agrícolas locais (Teixidor-Toneu et al., 2023). Nesse contexto, essas comunidades atuam como verdadeiras guardiãs da variabilidade genética das plantas cultivadas e dos conhecimentos associados a essa diversidade, adotando práticas agrícolas de baixo impacto ambiental e defesa do seu território (Pelwing, 2008).

Entre os diferentes grupos que compõem o conjunto das comunidades tradicionais, as comunidades remanescentes de quilombos, caracterizadas pela ancestralidade negra, por uma trajetória histórica marcada pela resistência às múltiplas formas de opressão e pela construção de identidades coletivas ancoradas em práticas culturais próprias. Essas comunidades mantêm uma relação indissociável com seus territórios, dos quais dependem diretamente para a reprodução material e simbólica de seus modos de vida, ao mesmo tempo em que exercem papel central na conservação dos recursos naturais ali presentes (BRASIL, 2016). O reconhecimento jurídico dessa relação está na Constituição Federal de 1988, que assegura aos quilombos a propriedade definitiva de

suas terras, conforme estabelece o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (BRASIL, 1988).

Diante do avanço do modelo agroindustrial contemporâneo e da contínua perda de agrobiodiversidade associada a esse processo, o presente estudo tem como objetivo investigar as práticas de conservação de sementes crioulas mantidas por agricultores da Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, médio Rio Pardo, localizada no município de Vitória da Conquista, Bahia, bem como analisar as estratégias mobilizadas pela comunidade para enfrentar os desafios impostos pelo predomínio desse modelo produtivo. Para tanto, foram coletadas informações relativas ao perfil social dos agricultores, às vantagens e dificuldades do armazenamento das sementes, aos métodos de aquisição e às formas de organização dos processos de conservação, além das relações culturais e econômico-produtivas associadas a essas práticas. O estudo também considerou as dinâmicas de gênero na seleção das sementes, a percepção dos agricultores sobre as mudanças climáticas locais e a importância atribuída às sementes crioulas a partir da perspectiva quilombola, identificando as dificuldades enfrentadas e as estratégias desenvolvidas para a manutenção da agrobiodiversidade.

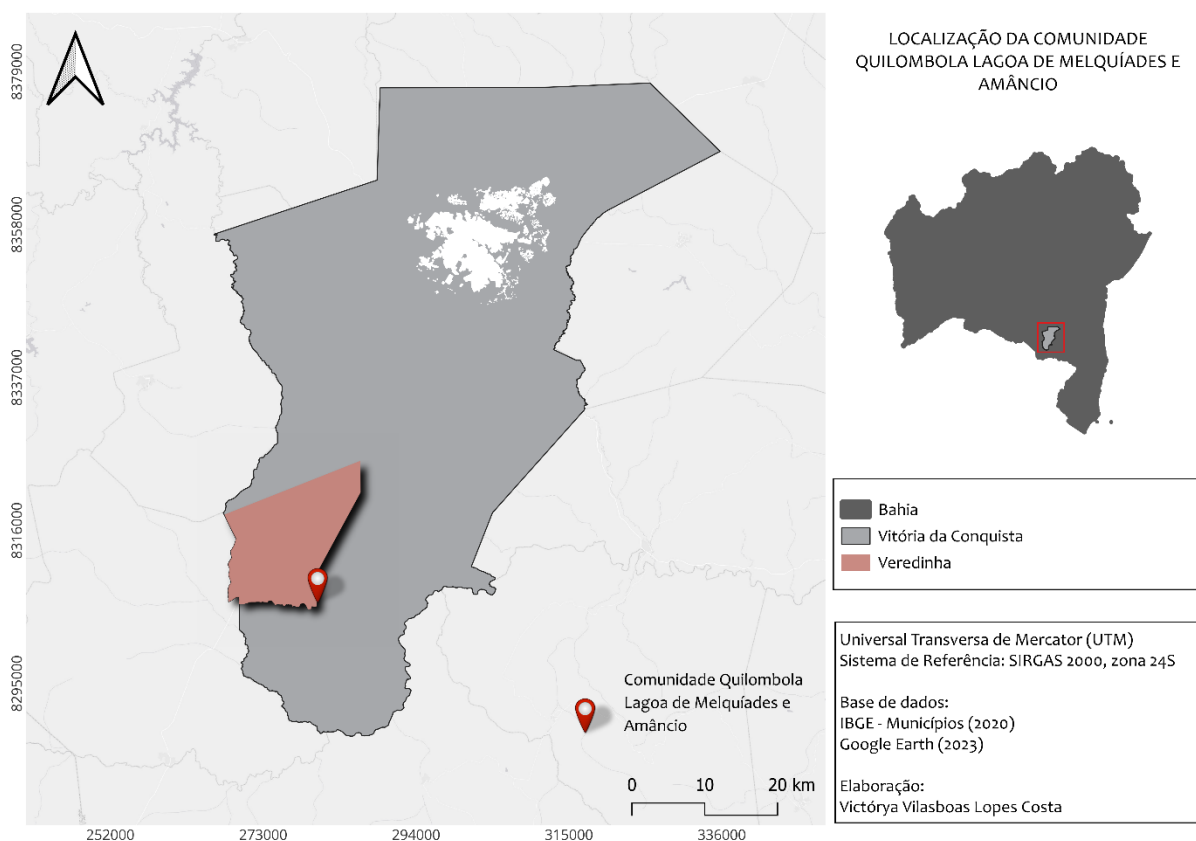
METODOLOGIA

Área de estudo

O Brasil conta com aproximadamente 1,3 milhão de quilombolas, que estão distribuídos por 1.696 municípios. No Nordeste, residem 68,19% dos quilombolas de toda a população brasileira. A Bahia se destaca como o estado com o maior número de indivíduos que se identificam como quilombolas, representando cerca de 29,90% dessa população, segundo dados do IBGE de 2023. Em particular, Vitória da Conquista apresenta um número bastante significativo de comunidades quilombolas certificados pela Fundação Cultural Palmares, com 32 comunidades e aproximadamente 12.057 habitantes (PMVC, 2023). No entanto, é pequeno o número de localidades que têm o território oficialmente delimitado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sendo que em Vitória da Conquista, apenas duas localidades são oficialmente demarcadas (INCRA, 2024). Este estudo foi realizado em Lagoa de Melquiades e Amâncio é uma Comunidade Remanescente de Quilombo localizada a cerca de 60 Km do centro urbano de Vitória da Conquista, região do médio Rio Pardo (15° 50' 00" S / 48° 02' 06" O) (MAPA. 1). O município possui uma população predominantemente urbana e é a quinta maior economia do estado da Bahia (VITÓRIA DA CONQUISTA; FIPE, 2019). A população de Lagoa de Melquiades e Amâncio varia entre 700 e 1.000 habitantes, e possui membros organizados politicamente, incluindo uma associação de moradores e

um grupo de mulheres, em sua maioria agricultoras. Adicionalmente, conta com uma Casa de Sementes Comunitária, fruto do projeto Sementes do Semiárido, administrado na região pelo Centro de convivência e Desenvolvimento Agroecológico do Sudoeste da Bahia (CEDASB) e pela Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) (CEDASB, 2016). A comunidade também possui um posto de saúde local e uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental e caracteriza-se como um lugar típico da agricultura familiar. Certificada pela Fundação Cultural Palmares, a comunidade tem pendências de delimitação territorial pelo INCRA.

Mapa 1: Localização da Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio.



Fonte: Dados da pesquisa (2024); Elaboração: Victória Vilasboas Lopes

Caracterização do estudo

Este é um estudo descritivo que combina abordagens qualitativas e quantitativas. Para a coleta de dados, foram utilizados métodos como entrevistas semiestruturadas com especialistas locais. Além disso, empregamos a metodologia "bola de neve" de Bernard (1988) para identificar

novos informantes. Também, com a devida autorização dos entrevistados, utilizamos gravadores de áudio e uma máquina fotográfica para registros e diários de campo.

Visitas as comunidades/coleta de dados

Por meio de contatos informais, identificamos membros da comunidade que atuaram como informantes-chave, facilitando o acesso a agricultores que possuem acervos de sementes em suas propriedades, a quem chamamos de especialistas locais. Essa interação inicial possibilitou a realização de várias visitas às comunidades, entre os meses de setembro de 2022 a março de 2024, com o objetivo de fortalecer os laços com os participantes do estudo. Além disso, participamos de eventos significativos para a comunidade, tais como encontros de sementes, jornadas agroecológicas, almoços coletivos e atividades promovidas por organizações não governamentais. Essas ocasiões foram fundamentais para o desenvolvimento de relações duradouras e confiáveis com a comunidade. Com a consolidação dessas relações, iniciou-se formalmente a coleta de dados.

Durante as visitas à comunidade, aplicamos a cada especialista local um questionário semiestruturado com perguntas-guia. O objetivo foi coletar informações detalhadas sobre vários aspectos, como o perfil social dos agricultores, as vantagens e dificuldades do armazenamento das sementes, os métodos de aquisição das sementes, a caracterização do processo de armazenamento de sementes, as dinâmicas de gênero no processo de seleção das sementes e a percepção dos agricultores sobre as mudanças climáticas locais.

Na sequência, os especialistas locais responderam às perguntas do questionário, focando em aspectos relevantes de suas vidas ligados aos objetivos da pesquisa. Esse processo os encorajou a compartilhar eventos e experiências significativas de suas trajetórias, conforme discutido por Albuquerque et al. (2010). Adicionalmente, adotamos o método "Bola de Neve", conforme proposto por Bernard (1988), onde cada entrevistado indicava outro especialista local com conhecimento sobre sementes crioulas.

Após a conclusão da entrevista, solicitou-se permissão para visitar a área de cultivo e ao banco de sementes. Com o consentimento do(a) especialista, procedeu-se à coleta de espécimes de plantas (destinadas à produção de exsicatas) que possuíam sementes armazenadas no banco, além de amostras das sementes disponíveis. As sementes foram devidamente acondicionadas e identificadas, empregando-se os nomes populares utilizados pela comunidade local.

Além disso, realizamos uma visita à Casa de Sementes Comunitária e conduzimos um levantamento para comparar as sementes dos bancos particulares dos participantes da pesquisa com as armazenadas no banco de sementes comunitário. Essa comparação foi feita para entender melhor

as similaridades e diferenças no acervo de sementes mantido pela comunidade. Durante essa visita, também coletamos amostras de sementes para registros de pesquisa.

Com os exemplares das plantas coletadas foram feitas exsicatas, seguindo os padrões técnicos de preservação e herborização das espécies conforme descrito por Ferreira (2006). Tanto as exsicatas quanto as sementes foram conservadas no Herbário Mongiós da Universidade Federal da Bahia - Campus Anísio Teixeira (HVC) (Index Herbariorum, 2024).

Análise de Dados

As perguntas e respostas dos formulários foram transcritas em planilha eletrônica, e as respostas obtidas categorizadas, e em seguida, agrupadas às informações com a elaboração de gráficos e tabelas.

Para avaliar as diferenças entre as proporções das respostas relativas: (I) perfil dos participantes da pesquisa; (II) vantagens e dificuldades do armazenamento de sementes; e (III) caracterização do processo de armazenamento de sementes, aplicou-se o teste de X^2 . Para avaliar se fatores socioeconômicos dos participantes influenciam o número de sementes crioulas citadas foram consideradas as seguintes variáveis socioeconômicas: (I) sexo; (II) idade (III) morar em outros locais ao longo da vida; (IV) atividades remuneradas desenvolvidas; e (V) destino da produção. Em seguida, aplicou-se o teste de Modelos Lineares Generalizados (GLM), seguindo a distribuição Poisson, sendo o melhor modelo explicativo escolhido a partir do menor valor do Critério de Informação Akaike (AIC).

Por fim, para verificar as similaridades entre os bancos de sementes das residências dos participantes da pesquisa, e o banco de sementes comunitário, aplicou-se o índice de similaridade de Jaccard, tanto a nível de variedade de sementes, quanto a nível de famílias botânicas que as sementes pertenciam.

Os testes estatísticos foram realizados no ambiente de programação R versão 3.6.1. (R Core Team, 2019). Utilizando-se o pacote Stats. A discussão foi realizada com base no arcabouço teórico disponível em Santos & Machado (in press).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

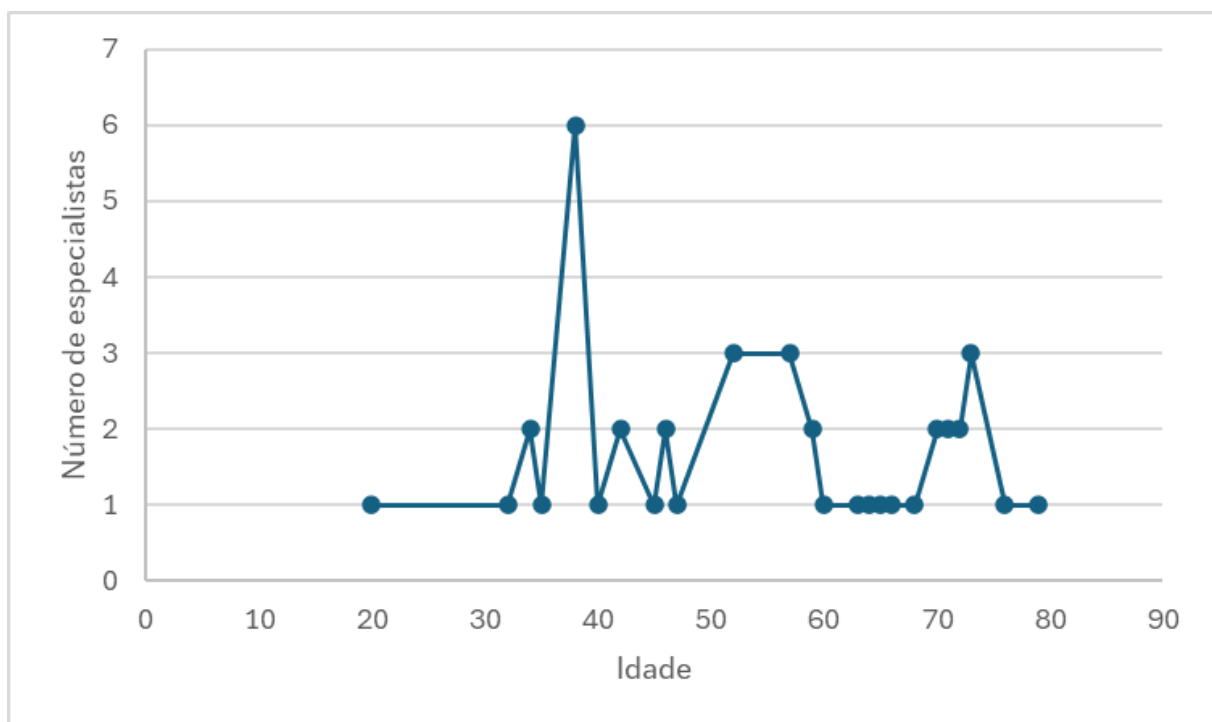
Perfil dos participantes da pesquisa

O (Gráfico 1) evidencia que os 43 participantes possuem idades entre 20 e 79 anos, demonstrando ampla distribuição geracional. A presença de agricultores jovens e idosos indica continuidade da prática agrícola no território, ainda que os relatos revelem preocupação com o

desinteresse das novas gerações. A maioria dos participantes (67,44%) combina agricultura com outra atividade remunerada ($p = 0,02$). Esse dado revela não o abandono da agricultura, mas a estratégia de permanência no território diante das pressões econômicas impostas pelo avanço do modelo agroindustrial. A pluriatividade aparece, portanto, como mecanismo de sustentação da vida no campo. Essa continuidade dialoga com o argumento de Pelwing et al. (2008), que destacam a permanência das sementes crioulas como expressão de resistência histórica camponesa.

Esse dado se articula com a informação de que 69,77% afirmam armazenar sementes desde a infância (Tabela 1), revelando transmissão intergeracional consolidada. Na comunidade, o conhecimento sobre sementes crioulas não se apresenta como prática recente, mas como saber territorialmente enraizado. Do mesmo modo, Silva e Sant'Ana (2021) sustentam que a conservação de sementes transcende o "resgate cultural", configurando prática tecnicamente eficaz e socialmente estruturada ao longo das gerações.

Gráfico 1: Distribuição da idade dos participantes da pesquisa na Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.



Dados da pesquisa (2024).

A análise estatística indica ausência de diferença significativa entre produção destinada à comercialização e ao autoconsumo ($p = 0,25$). Esse resultado demonstra que, na comunidade, as

sementes crioulas circulam de forma integrada entre consumo familiar e venda, sem que haja cisão estrutural entre essas dimensões.

Essa dinâmica corrobora a interpretação de Pelwing et al. (2008), ao evidenciar que a agricultura tradicional opera segundo uma racionalidade própria, na qual a reprodução social da família camponesa não se separa rigidamente das trocas mercantis. Também dialoga com Shiva (2001), que contrapõe a lógica camponesa diversificada à padronização imposta pelo modelo agroindustrial, ressaltando que sistemas tradicionais mantêm articulação entre subsistência e mercado local sem romper sua autonomia produtiva.

Quanto à atividade exercida, observa-se diferença significativa ($p = 0,02$): 67,44% dos participantes acumulam agricultura com outra fonte de renda. A pluriatividade aparece, assim, como estratégia concreta de permanência territorial.

Esse dado encontra respaldo em Campos e Dal Soglio (2020), que analisam como a transformação das sementes em mercadorias e a consolidação do agronegócio pressionam economicamente agricultores familiares, exigindo rearranjos produtivos para manutenção no campo. Nessa perspectiva, a diversidade de atividade econômicas não representa abandono da agricultura, mas adaptação frente às assimetrias estruturais impostas pelo mercado.

No que se refere à dedicação ao armazenamento, não há diferença significativa entre homens e mulheres ($p = 0,51$), indicando que ambos participam do manejo das sementes. Entretanto, há diferença expressiva quando considerado que, em 88,37% das residências, apenas um membro assume a responsabilidade principal ($p < 0,001$).

Esse padrão pode ser compreendido na pesquisa de Padmanabhan (2011), que demonstra que o manejo da agrobiodiversidade é atravessado por relações de gênero, cultura e identidade, mas não necessariamente de forma excludente. A organização doméstica do trabalho com sementes tende a assumir formatos funcionais, variando conforme contexto familiar. De modo semelhante, Pelwing et al. (2008) identificam arranjos distintos nas propriedades estudadas, ora com predominância masculina, ora feminina, ora compartilhada, reforçando que não há modelo fixo, mas organização contextualizada.

Tabela 1: Variáveis descritoras dos participantes da pesquisa sobre sementes crioulas na Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

Variáveis analisadas	Menções	Porcentagem	X²	P
Produção				
Comercialização	33	43.42%	1.32	0.25
Autoconsumo	43	56.58%		
Atividade exercida				
Agricultura e outra atividade	29	67.44%	5.23	0,02*
Agricultura	14	32.56%		
Dedicação ao tratamento e armazenamento de sementes				
Mulheres	17	44.74%	0,42	0,51
Homens	21	55.26%		
Ou homem ou mulher	38	88.37%	25,32	<0,001
Ambos	5	11.63%		
Armazenamento de sementes				
Desde a infância, tem o hábito de armazenar sementes	30	69.77%	23.21	<0,001
Desde a implementação do banco comunitário de sementes na comunidade, adquiriu o hábito de armazenar sementes	3	6.98%		
Desde que iniciou sua própria plantação, adquiriu o hábito de armazenar sementes	4	9.30%		
Há cerca de 10 a 20 anos, adquiriu o hábito de armazenar sementes	5	11.63%		
Não se recorda exatamente quando adquiriu o hábito de armazenar sementes	1	2.33%		

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

VANTAGENS E DIFICULDADES PARA O ARMAZENAMENTO DE SEMENTES

A análise da (Tabela 2) revela que as vantagens associadas ao armazenamento de sementes crioulas apresentam diferença estatisticamente significativa ($p < 0,001$), indicando que determinadas motivações se destacam de forma consistente entre os participantes. A principal vantagem

mencionada foi a utilização das sementes nos próximos plantios (28,46%), seguida pela possibilidade de evitar a compra de sementes (19,51%) e pela garantia de pureza genética, livre de transgênicos e agrotóxicos (16,26%).

Esses resultados demonstram que o armazenamento constitui estratégia concreta de autonomia produtiva. Ao assegurar sementes para o plantio seguinte, os agricultores reduzem dependência do mercado de insumos, fortalecendo sua capacidade de reprodução social. Essa interpretação converge com Shiva (2001), ao afirmar que a conservação de sementes tradicionais representa resistência à lógica de dependência imposta pela agroindústria. Da mesma forma, Campos e Dal Soglio (2020) destacam que a transformação das sementes em mercadorias estratégicas do agronegócio intensificou a vulnerabilidade dos agricultores familiares, tornando a conservação própria um mecanismo de proteção econômica.

A ênfase na pureza das sementes também expressa preocupação com a contaminação genética, aspecto que revela consciência crítica acerca dos impactos da agricultura transgênica. Conforme discutido por Pelwing et al. (2008), agricultores que mantêm sementes crioulas não o fazem apenas por tradição, mas por reconhecerem sua adaptabilidade, qualidade e independência em relação aos pacotes tecnológicos dominantes.

Nas últimas décadas, estudos buscam entender as motivações dos agricultores para manterem variedades tradicionais. Ortman (2023), Pelwing et al. (2008) e Vasconcelos (2013) salientam em suas pesquisas a vantagem do cultivo de espécies tradicionais devido à sua resistência climática e adaptabilidade, o que reduz a necessidade de insumos externos. Além disso, destacam a importância histórica dessas variedades e como elas contribuem para a valorização e preservação dos costumes locais, além de promover o desenvolvimento de sistemas agrícolas e alimentares mais sustentáveis. Pelwing et al. (2008) também menciona como vantagem o sabor e a qualidade das variedades tradicionais.

No que se refere às dificuldades, igualmente significativas ($p < 0,001$), destacam-se a contaminação por sementes transgênicas (24,14%), a falta de apoio e desenvolvimento de pesquisas (19,31%), o desinteresse das novas gerações (18,62%) e a dificuldade de acesso a novas variedades crioulas (15,86%). Esses dados indicam que os principais entraves não são internos à comunidade, mas estruturais e externos.

A preocupação com contaminação transgênica dialoga diretamente com as reflexões de Campos e Dal Soglio (2020) sobre a expansão do agronegócio e seus impactos sobre territórios tradicionais. Ao mesmo tempo, a percepção da ausência de apoio institucional reforça o argumento de Zimmerer et al. (2019), que apontam a marginalização da agrobiodiversidade nos principais investimentos científicos e nas agendas políticas contemporâneas, apesar de sua relevância estratégica para segurança alimentar e sustentabilidade ambiental.

A dificuldade de engajar as novas gerações também se articula às análises de Silva e Sant'Ana (2021), que discutem como a descontinuidade de políticas públicas e programas de Assistência Técnica e Extensão Rural compromete a consolidação de iniciativas de conservação de sementes crioulas. Sem apoio contínuo, o processo de transmissão de conhecimentos tende a se enfraquecer.

Por fim, a baixa aceitação das variedades crioulas no mercado evidencia tensão entre diversidade agrícola e padrões de comercialização padronizados. Conforme argumentam Pelwing et al. (2008), a valorização de sementes tradicionais depende de reconhecimento econômico e institucional que vá além da escala familiar

Tabela 2: Vantagens e dificuldades mencionadas pelos participantes da pesquisa sobre o armazenamento de sementes crioulas na Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

Variáveis analisadas	Menções	Porcentagem	X²	P
Vantagem para armazenar as sementes				
Para serem utilizadas nos próximos plantios	35	28,46%	47,48	<0,001
Para evitar a necessidade de compra	24	19,51%		
Para garantir a preservação de sementes de qualidade previamente conhecidas	4	3,25%		
Para garantir o cultivo de sementes de qualidade previamente conhecidas	17	13,82%		
Para o próprio consumo	8	6,50%		
Pela pureza das sementes, livres de transgênicos e agrotóxicos	20	16,26%		
Pela paixão pela agricultura	3	2,44%		
Assegurar a qualidade dos alimentos	10	8,13%		
Disponibilidade para doação para vizinhos	1	0,81%		
Garantir colheitas boas	1	0,81%		
Principais dificuldades para manter as sementes				
Desinteresse das novas gerações	27	18,62%	80,48	<0,001
Conseguir novas variedades crioulas	23	15,86%		
Contaminação por sementes transgênicas	35	24,14%		
Falta de apoio e desenvolvimento de pesquisas	28	19,31%		

Falta de engajamento dos agricultores na produção de sementes crioulas	2	1,38%
Dificuldades no armazenamento de sementes crioulas	2	1,38%
Pouca aceitação no mercado de variedade de sementes crioulas	18	12,41%
Estiagem	2	1,38%
Falta de acompanhamento técnico	1	0,69%
Falta de incentivo para vendas	1	0,69%
Contaminação por agrotóxicos	5	3,45%
Nenhuma	1	0,69%

Dados da pesquisa (2024).

CARACTERIZAÇÃO DO PROCESSO DE ARMAZENAMENTO DE SEMENTES CRIOULAS

Conforme evidenciado na (Tabela 3), a gestão da agrobiodiversidade nas comunidades de Lagoa de Melquíades e Amâncio estrutura-se predominantemente a partir de sementes oriundas da própria colheita e de trocas entre amigos e familiares, com diferença estatisticamente significativa quanto à origem ($p < 0,001$). Esse padrão confirma que a conservação ocorre por meio de redes sociais densas, sustentadas pelo conhecimento local e por formas organizativas comunitárias, de acordo com Teixidor-Toneu et al. (2023), que destacam o protagonismo de agricultores detentores de saber técnico aprofundado na gestão de sistemas de agrobiodiversidade.

As redes de sementes, entendidas como sistemas sociais de circulação, ampliam acesso, diversidade e autonomia produtiva (Coomes et al., 2015), aspecto corroborado pela predominância da colheita própria como principal fonte. Essa prática expressa autossuficiência consolidada e reduz dependência de mercados externos. As trocas entre parentes e vizinhos, por sua vez, reforçam o papel estruturante dos vínculos familiares na manutenção da diversidade agrícola, conforme demonstrado por Abizaid et al. (2016), que identificam as relações de parentesco como eixo central das redes de compartilhamento.

Embora o banco comunitário apareça com menor frequência como origem principal na (Tabela 3), sua existência representa uma estrutura formal de apoio capaz de potencializar processos educativos, organizativos e políticos quando articulada às práticas locais (Vernooy et al., 2005). A diversidade significativa encontrada nos bancos residenciais sugere, ainda, estratégia descentralizada de preservação, na qual cada família mantém variedades culturais e economicamente relevantes, funcionando como reservatórios complementares de biodiversidade.

A adesão relativamente menor ao banco comunitário pode estar relacionada à fragilidade e à descontinuidade das políticas públicas, especialmente dos programas de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), conforme discutem Campos e Dal Soglio (2020) e Reisman (2017). A interrupção desses apoios compromete a consolidação institucional das iniciativas locais, realidade que reforça a necessidade de políticas continuadas orientadas à autonomia camponesa, como defendem Silva e Sant'Ana (2021). Além disso, acreditamos que pouca adesão ao banco comunitário de sementes se deu em especial pela ausência de um exame detalhado das variáveis para uma compreensão adequada das dinâmicas envolvidas na comunidade, como salientado por Campos e Dal Soglio (2020) e Reisman (2017).

Tabela 3: Características associadas ao armazenamento de sementes mencionadas pelos participantes da pesquisa na Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

Variáveis analisadas	Menções	Porcentagem	X²	P
As sementes mantêm sua viabilidade				
1 ano	8	18,60%	12,459	0,014
2 anos	18	41,86%		
2 anos ou mais	13	30,23%		
3 anos	2	4,65%		
5 anos	2	4,65%		
Origem das sementes				
Da própria colheita	39	28,68%	44	<0,001
Banco de sementes da comunidade	11	8,09%		
Feiras de trocas	5	3,68%		
Doações do governo	1	0,74%		
Trocas entre amigos de dentro da comunidade	30	22,06%		
Trocas entre amigos de fora da comunidade	13	9,56%		
Compra	5	3,68%		
Trocas entre familiares de dentro da comunidade	25	18,38%		
Trocas entre familiares de fora da comunidade	7	5,15%		

Dados da pesquisa (2024).

INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIOECONÔMICOS NA CITAÇÃO DE VARIEDADES DE SEMENTES CRIOULAS

Entre os fatores socioeconômicos analisados, apenas o destino da produção apresentou influência significativa sobre o número de sementes crioulas citadas (Tabela 4). Idade, sexo, trajetória residencial e atividades remuneradas não mostraram associação estatística. Os dados indicam que agricultores que produzem para autoconsumo e comercialização citam maior número de variedades do que aqueles que produzem exclusivamente para autoconsumo (Tabela 5), evidenciando que a inserção parcial no mercado está associada à maior diversidade manejada.

Tabela 4: Análise do Modelo Linear Generalizado relacionando as variáveis socioeconômicas com o número de variedades de sementes crioulas citadas pelos participantes da pesquisa na Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

Modelos	Estimado	Erro Padrão	Valor de T	Valor de p	Valor de AIC
Modelo 1					
Intercepto	1,79	0,28	6,32	<0,001	358,01
Sexo	0,04	0,13	0,30	0,75	
Idade	0,01	0,01	0,14	0,88	
Morou em outros locais	0,13	0,12	1,11	0,26	
Atividades desenvolvidas	0,08	0,13	0,59	0,55	
Destino da produção	0,58	0,16	3,61	<0,001*	
Modelo 2					

Intercepto	1,61	0.14	11.38	<0.001	352,32
Destino da produção	0,57	0,15	3,77	<0,001	

Dados da pesquisa (2024).

Tabela 5: Dados descritivos de média e desvio padrão do número de variedades de sementes crioulas citadas por fator socioeconômico avaliado na comunidade quilombola, X, Bahia, Brasil.

Fatores Socioeconômicos	Média	Desvio Padrão
Sexo		
Feminino	8.00	6.51
Masculino	8.00	7.09
Morou em Outros Locais		
Não	8.50	7.59
Sim	7.76	6.47
Atividades desenvolvidas		
Agricultor	8.67	6.53
Agricultor e outra fonte de renda	7.64	6.99
Destino da produção		
Autoconsumo	5.00	3.80
Autoconsumo e comercialização	8.91	7.24

Dados da pesquisa (2024).

COMPOSIÇÃO DO BANCO DE SEMENTES CRIOULAS LOCAIS

Ao analisar o banco de sementes dos participantes da pesquisa e o banco de sementes comunitário, percebe-se muitas diferenças. O quantitativo de sementes crioulas nos bancos de sementes das residências é bem maior, 108 variedades, quando comparado ao banco de sementes comunitário, com 28 variedades. Das sementes registradas, apenas 11 estão presentes em ambos os bancos, indicando uma baixa similaridade (Índice de Similaridade de Jaccard = 8,66%).

Um total de 17 famílias botânicas estão representadas nos bancos de sementes nas residências locais, sendo as famílias mais expressivas em número de variedades: Fabaceae, e

Poaceae. Das famílias mencionadas, 5 estão presentes em ambos os bancos, indicando uma baixa similaridade entre os bancos, também a nível de famílias botânicas (Índice de Similaridade de Jaccard = 19,23%) (Quadro 1).

Quadro 1: Famílias botânicas presentes nos bancos de sementes residências e comunitário

Família Botânica	Número de Variedades (Residências)	Número de Variedades (Comunitário)
Fabaceae	44	14
Curcubitaceae	24	2
Poaceae	11	4
Euphorbiaceae	-	2

Dados da pesquisa (2024).

MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA PERCEPÇÃO DOS AGRICULTORES LOCAIS

A maioria dos agricultores relata alterações recentes no regime climático, especialmente redução e irregularidade das chuvas, prolongamento das estiagens e aumento das temperaturas, fatores que impactam diretamente a produtividade agrícola. Esses relatos são frequentemente associados à expansão das monoculturas de café e, sobretudo, de eucalipto na região, indicando que a percepção local das mudanças ambientais está articulada à reconfiguração produtiva do território.

Na porção média da bacia do Rio Pardo, a expansão de grandes empreendimentos agroindustriais tem promovido mudanças no uso da terra, substituindo áreas de vegetação nativa e sistemas agrícolas diversificados por monoculturas extensivas. Cunha (2024) argumenta que esse avanço intensifica pressões sobre recursos hídricos e altera dinâmicas socioambientais, ampliando vulnerabilidades em territórios camponeses. De modo convergente, Andrade (2015), ao analisar a monocultura do eucalipto no sudoeste baiano, evidencia a ocorrência de conflitos socioambientais relacionados à concentração fundiária, à contaminação por agrotóxicos e à degradação de nascentes, afetando diretamente comunidades rurais e quilombolas.

Os depoimentos dos agricultores reforçam essa leitura territorial. Relatos sobre secamento de nascentes, mortandade de peixes e aumento de pragas após a implantação dos plantios de eucalipto expressam uma compreensão empírica das transformações ecológicas associadas ao modelo monocultural. A associação entre desmatamento, uso intensivo de insumos químicos e alteração dos ciclos hídricos dialoga com a análise de Andrade (2015), que identifica impactos ambientais e sociais decorrentes da atuação de empresas de reflorestamento na região.

Embora alguns entrevistados reconheçam a geração de empregos como aspecto positivo da chegada dessas empresas, predomina a percepção de que os custos ambientais recaem sobre as comunidades locais. Essa ambivalência evidencia a complexidade do processo: ao mesmo tempo em que o agronegócio oferece inserção laboral, também redefine o acesso à terra e à água, produzindo dependência econômica e fragilização ecológica, conforme destacado por Cunha (2024).

Assim, as mudanças climáticas percebidas pelos agricultores não são interpretadas apenas como fenômeno natural, mas como parte de um processo mais amplo de reestruturação territorial impulsionado pela expansão das monoculturas. A leitura local articula clima, uso da terra e disputa por recursos, revelando que a crise ambiental é vivenciada como expressão concreta das transformações promovidas pelo avanço do agronegócio na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as práticas de conservação de sementes crioulas na Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, em Vitória da Conquista, Bahia, situando-as no contexto de avanço do modelo agroindustrial e da intensificação das monoculturas de café e eucalipto na porção média da bacia do Rio Pardo. A partir de questionários semiestruturados, foram levantadas informações sobre perfil social, técnicas de armazenamento, formas de aquisição e seleção das sementes, bem como as dinâmicas de gênero envolvidas nesses processos.

A comparação entre os bancos domiciliares e o banco comunitário revelou diferença expressiva na diversidade conservada: os bancos familiares concentram maior número de variedades, evidenciando que a conservação ocorre predominantemente de forma descentralizada. A baixa similaridade entre os bancos indica que as unidades domésticas funcionam como principais núcleos de manutenção da agrobiodiversidade, enquanto o banco comunitário não tem operado como espaço central de articulação e ampliação da diversidade local. Tal fragilidade institucional relaciona-se à descontinuidade de políticas públicas, à ausência de apoio técnico continuado e à falta de um estudo aprofundado das dinâmicas sociais, produtivas e culturais da comunidade no momento de sua implantação, fatores que comprometeram sua consolidação e apropriação coletiva.

Os resultados demonstram que as sementes crioulas ocupam lugar estratégico na reprodução social da comunidade. Além de sustentarem a segurança alimentar, estão profundamente vinculadas à identidade cultural e à autonomia produtiva dos agricultores quilombolas, muitos dos quais articulam agricultura e outras fontes de renda como estratégia de permanência no território. Nesse cenário, a conservação das sementes assume caráter político: frente à expansão das monoculturas, que concentram terra e pressionam recursos hídricos, manter variedades adaptadas localmente representa forma concreta de resistência e afirmação territorial.

Os agricultores reconhecem a importância das sementes crioulas não apenas como recurso econômico, mas como fundamento de autonomia frente à dependência de insumos externos. Contudo, enfrentam desafios relevantes, como contaminação por transgênicos, redução do apoio institucional, dificuldades de acesso a novas variedades e desinteresse das gerações mais jovens, fatores que se somam às pressões territoriais impostas pelo agronegócio.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o curto período de coleta de dados, que pode ter restringido a amplitude das análises. As informações foram obtidas em meses em que os bancos apresentavam diversidade reduzida, em decorrência de perdas associadas a eventos climáticos adversos. Esse contexto reforça a necessidade de monitoramentos de longo prazo, capazes de captar variações sazonais e climáticas, bem como de aprofundar a compreensão das dinâmicas territoriais que atravessam a conservação de sementes crioulas na comunidade.

REFERÊNCIAS

ABIZAID, C.; COOMES, O. T.; PERRAULT-ARCHAMBAULT, M. Compartilhamento de sementes em comunidades indígenas da floresta tropical amazônica: uma análise de redes sociais em três aldeias Achuar, Peru. **Ecologia Humana**, v. 44, n. 5, p. 577-594, 2016. DOI: 10.1007/s10745-016-9852-7.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. C.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. (Série: Coleções Estudos e Avanços, v. 1).

ANDRADE, Maicon Leopoldino de. **A monocultura do eucalipto: conflitos socioambientais, resistências e enfrentamentos na região do sudoeste baiano**. 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Área de Concentração: Análise do Espaço Geográfico, Linha de Pesquisa: Estudos Ambientais e Análise do Território. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/20649/1/Maicon_Leopoldino_Andrade_Dissertacao_Final.pdf. Acesso em: 10 de Mai. 2024.

AKSOY, Z; ÖZ, Ö. Proteção do conhecimento agrícola tradicional e recompensar a investigação agrícola na perspectiva dos agricultores: Um caso da Turquia. **Revista de Estudos Rurais**, v.80, p. 291-301, 2020. DOI: 10.1016/j.jrurstud.2020.09.017.

BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: Sage, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 de Mai. de 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 11.346**, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial da União, 18 set. 2006.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2006/lei/l11346.htm. Acesso em: 22 Abri. 2024.

BRASIL. Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica - Ciapo. **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PLANAPO**. Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2013/11/planapo-nacional-de-agroecologia-e-producao-organica-planapo.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2021.

BRASIL. PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL. **Informações Quilombolas**. 2016. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=52126. Acesso em: 30 dez. 2020.

CAMPOS, M. L.; DAL SOGLIO, F. K. Sementes crioulas e relações de poder na agricultura: interfaces entre biopoder e agência social. **Ambiente e Sociedade**, v. 23, n. 0, p. 1-15, 2020. DOI: 10.1590/1809-4422asoc20180242r2vu2020L5AO.

CEDASB. **Semente é cultura, liberdade, protagonismo, soberania, saberes e sabores**. 25 jul. 2016. Disponível em: <https://cedasb.org.br/semente-e-cultura-liberdade-protagonismo-soberania-saberes-e-sabores/>. Acesso em: 04 de mai. de 2024.

COOMES, Oliver T. et al. As redes de sementes de agricultores dão uma contribuição limitada para a agricultura? Quatro equívocos comuns. **Política Alimentar**, v. 56, p. 41-50, 2015. DOI: 10.1016/j.foodpol.2015.07.008.

CUNHA, Joaci de Sousa. **Questão agrária-ambiental e movimentos sociais: lições a partir do espaço baiano (1998–2022)**. Salvador: Editora da universidade Federal da Bahia, 2024.

FERREIRA, G. C. **Diretrizes para coleta, herborização e identificação de material botânico nas Parcelas Permanentes em florestas naturais da Amazônia brasileira**. Manaus: Gt Monitoramento de Florestas, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Notícias. **Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios**. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios>. Acesso em: 07 de Mai. 2024.

INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agrária. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Andamento dos processos de regularização quilombola**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/ptbr/assuntos/governancafundiaria/Andamento_dos_processos_de_regularizacao_quilombola_06.05.2024.pdf>. Acesso em: 07 de Mai. 2024.

MMA - Ministério do Meio Ambiente (Org.). (2006). **Agrobiodiversidade e Diversidade Cultural**. (2ª ed.). Brasília: MMA: SBF. (Biodiversidade, 20). Disponível em: <https://studiobiodiversidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/01/agrobiodiversidade-e-diversidade-cultural.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

ORTMAN, T.; SANDSTROM, E.; BENGTSSON, J.; WATSON, C.; BERGKVIST, G.. Motivações dos agricultores para o cultivo de cereais tradicionais na Suécia. **Agricultura Biológica e Horticultura**, v 39, n. 4, p. 247-268. 2023 DOI: 10.1080/01448765.2023.2207081.

PADMANABHAN, M. Desenvolvimento de sistemas de sementes para navegar pelas múltiplas expectativas na Etiópia, Malawi e Tanzânia. **The Journal of Socio Economics**, v. 6, p. 968-976, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.socec.2011.08.021>.

PASINI, I. L. P. **Conflito territorial e soberania alimentar: um estudo de caso na comunidade quilombola Angelim I, no Sapê do Norte - ES**. 2014. 283 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4211>. Acesso em: 04 jan. 2021.

PELWING, A.B.; FRANK, L.B.; DE BARROS, I.I.B. Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, n. 2, p. 391-420, jun. 2008). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20032008000200005>.

PMVC - PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Lei do Dia Municipal do Quilombola foi sancionada durante ato simbólico realizado em comunidade remanescente**. 2023. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/lei-do-dia-municipal-do-quilombola-foi-sancionada-durante-ato-simbolico-realizado-em-comunidade-remanescente/>. Acesso em: 07 de Mai. 2024.

PORCUNA-FERRER, A.; LABEYRIE, V.; ÁLVAREZ, S.; CALVET-MIR, L.; FAYE, N. F.; OUADAH, S.; REYES, V. Características bioculturais das culturas moldam redes de sementes: Implicações para a resiliência socioecológica no sudeste do Senegal. **Sistemas Agrícolas**, v.211, p. 1-14. 103750, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.agry.2023.103750>.

REUTER, Thomas A. Sementes de Vida, Sementes da Fome, Agendas Corporativas, Política de Desenvolvimento Agrícola e a Luta pela Soberania das Sementes (Timor Leste, Indonésia). **Antropologia da alimentação**, 2017, p. 1-18, maio 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346099028_Seeds_of_Life_Seeds_of_Hunger_Corporate_Agendas_Agricultural_Development_Policy_and_the_Struggle_for_Seed_Sovereignty_East_Timor_Indonesia. Acesso em: 19 maio 2024.

STUPINOT, S., IERMANÓ, M. J., GARGOLOFF, N. A., & BONICATTOB, M. M. (2014). **La biodiversidad en los agroecosistemas. Agroecología: bases teóricas para el diseño y manejo de agroecosistemas sustentables**. Colección libros de cátedra. Editorial de la Universidad Nacional de La Plata. Capítulo, 5, 131-158.

Index Herbariorum. The New York Botanical Garden: **A global directory of public herbaria and associated staff**. Disponível em: <https://sweetgum.nybg.org/science/ih/>. Acesso em: 06 de Mai. De 2024.

R Core Team (2019). R: **A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 07 de Mai. 2024.

REISMAN, E. Tradição, comunidade e autossuficiência preocupantes: reestruturando as expectativas dos bancos de sementes das aldeias. **Desenvolvimento Mundial**, v. o, p. 160-168, 2017.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, D. P.; SANT'ANA, A. L. Obtenção e troca de sementes crioulas pelos guardiões e guardiãs do Território Prof. Cory/Andradina (SP) e o papel das instituições públicas. **Revista NERA**, n. 60, p. 97-122, 2021.

SILVA, D. P.; SANT'ANA, A. L. Contribuição das variedades crioulas para o cumprimento dos princípios da Agroecologia: diagnóstico de sua produção e utilização em assentamentos rurais do Território Prof. Cory/Andradina-SP. **Ateliê Geográfico**, v. 16, n. 2, p. 256-275, 2022. DOI: 10.5216/ag.v16i2.71879.

TEIXIDOR-TONEU, I.; WESTENG, O.; ULIAN, T.; MCMILLION, A.; LORIMER, M.; GRACE, O.; CAILLON, S.; SHRESTHA, P.; KOOL, A. Co-conservando sistemas de conhecimento indígena e local com sementes. **Trends In Plant Science**, v 28, n 12 p. 1370-1378, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.tplants.2023.06.020>.

VASCONCELOS, A. C. F.; BONATTI, M.; SCHLINDWEIN, S. L.; D'AGOSTINI, L. R.; HOMEM, L. R.; NELSON, R. Landraces como estratégia de adaptação às mudanças climáticas para pequenos agricultores em Santa Catarina, Sul do Brasil. **Política de Uso da Terra**, v. 34, p. 250-254, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2013.03.017>.

VERNOOY, Ronnie; SHRESTHA, Pitambar; STHAPIT, Bhuwon. **Community seed banks: Origins, evolution and prospects**. New York: Routledge, 2015.

VITÓRIA DA CONQUISTA; FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. **Plano municipal de saneamento básico**. 2019. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/CARACTERIZACAODOMUNICIPIO.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2020.

VITÓRIA DA CONQUISTA; FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. **Plano municipal de saneamento básico**. 2019. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/CARACTERIZACAODOMUNICIPIO.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2020.

ZIMMERER, K. S.; DE HAAN, S.; JONES, A. D.; CREED-KANASHIRO, H.; TELLO, M.; CARRASCO, M.; MEZA, K.; PLASENCIA AMAYA, F.; CRUZ GARCIA, G. S.; TUBBEH, R.; JIMÉNEZ, O. Y. A biodiversidade da alimentação e da agricultura (Agrobiodiversidade) no antropoceno: avanços na investigação e enquadramento conceitual. **Antropoceno**, v25, p 100-192. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ancene.2019.100192>.

Dados de autoria

Mirian da Silva Santos

Bióloga pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestra em Ciências Ambientais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua como assessora no Centro de Estudos e Ação Social CEAS e

coordena o projeto Roça de Muié em Minas Gerais e Bahia: Conexão Agroecológica na Bacia Hidrográfica dos Rios Pardo e Jequitinhonha, vinculado ao programa Quintais Produtivos para Mulheres Rurais - MDA, na região Sudoeste da Bahia. Desenvolve ações relacionadas agrobiodiversidade, sistemas agroflorestais e defesa dos territórios e das águas, buscando fortalecer organizações populares. E-mail: mirian@ceas.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7974-0427>.

Anderson Ferreira Pinto Machado

Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGBOT-UEFS), com estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Biociências do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia (IMS-CAT/UFBA). Atua na área de Biodiversidade, com ênfase em Botânica, desenvolvendo pesquisas em Sistemática, Biologia Molecular, Biogeografia e Biologia da Conservação. É professor da rede pública estadual da Bahia (SEC-BA) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UESB (PPGCA-UESB). E-mail: machadoafp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9341-5827>.

André Luiz Borba do Nascimento

Doutor em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, com estágio sanduíche na University of Exeter, Reino Unido e realizou pós-doutorado na Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, é professor do curso de Licenciatura em Ciências Naturais/Biologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Bacabal, onde atua como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Naturais e coordena o Laboratório de Estudos Ecológicos e Etnobiológicos (LECET). Desenvolve pesquisas com comunidades locais, especialmente quilombolas, na Amazônia maranhense e em ecossistemas de transição no Maranhão. Está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação (PPGBC/CCBS/UFMA). Tem experiência na área de Etnobiologia, atuando principalmente nos seguintes temas: plantas medicinais, plantas alimentícias, sistemas socioecológicos, mudanças ambientais, resiliência, evolução cultural e sustentabilidade. E-mail: machadoafp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6536-0926>.